

**A Metástase Identitária**

***The Identitarian Metastasis***

***La Metástasis Identitaria***

Bruno Garcia\*

<https://orcid.org/0000-0002-8776-8535>

Resenha do Livro: Zúquete, José Pedro. *The Identitarians: The Movement Against Globalism and Islam in Europe*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.

**Como citar essa resenha:**

Garcia, Bruno. “Resenha do livro *The Identitarians: The Movement Against Globalism and Islam in Europe*, de José Pedro Zúquete”. *Locus: Revista de História*, 26, n. 2 (2020): 495-499.

\*\*\*

Em 2010, às vésperas da avalanche de protestos provocada pela crise econômica de dois anos antes, José Pedro Zúquete, pesquisador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, publicou *Struggle for the World: Liberation Movements for the 21st Century* (Zúquete e Lindholm 2010). Escrito em parceria com o antropólogo norte americano Charles Lindholm, o livro traça um grande panorama dos principais movimentos sociais e organizações políticas que se opunham ao que os autores chamam de globalização capitalista. Fossem de esquerda, como os zapatistas no México, ou de extrema direita, como o *Front National* francês, a publicação destaca como esses

---

\* Pós-doutorando na Universidade Nova de Lisboa. Doutor em História pelo Programa de História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e mestre em European Studies pela Masarykova Univerzita (Brno, República Tcheca). Tem experiência na área de História Contemporânea em temas como História Intelectual, Filosofia dos Direitos Humanos e Extrema Direita. E-mail: brnogarcia@gmail.com

grupos operavam a partir de uma forte crítica ao estrangulamento dos modos de vida e de identidades locais.

As duas décadas que se seguiram ao fim da Guerra Fria foram marcadas pela integração do mundo em blocos regionais e pela criação de instituições supranacionais para administrá-los. Até que a expansão progressiva e desenfreada sofreu inesperadamente um grande choque. As fissuras na ordem estabelecida já existiam, é verdade, mas elas nunca ficaram tão claras quanto nos anos que se seguiram à crise de 2008. E foi seguindo personagens que viviam nessas fissuras que Zúquete passou a acompanhar a atuação de grupos políticos radicais contemporâneos. Em artigos e livros dedicados a grupos tão diversos como os praticantes da tática *black block* e *skinheads* portugueses, o sociólogo português construiu uma obra robusta sobre alguns dos principais movimentos de contestação no mundo hoje.

Em *The Identitarians: the Movement against Globalism and Islam in Europe*, Zúquete escreve o que ele próprio chama de “crônica de uma rebelião” (Zúquete 2018). Os rebeldes em questão são ativistas e intelectuais de extrema direita articulados em torno da defesa da identidade dos povos europeus. Segundo eles, a globalização é, em parte, projeto de uma elite que almeja à integração e homogeneização de sociedades, à expansão dos mercados e da democracia e ao apagamento das diferenças etnoculturais em nome de um universalismo perverso. Assim, quando advogam em nome do pan-nacionalismo e do etnopluralismo, os identitários julgam estar protegendo a diversidade dos povos europeus e o direito de continuarem existindo.

Em um primeiro momento, é difícil situá-los dentro da diversa e complexa fauna da extrema direita no mundo hoje. O discurso nacionalista e a hostilidade a estrangeiros, por exemplo, são comuns a diversos movimentos, além de parte da plataforma de qualquer partido de direita radical no continente. Da mesma forma, trabalhos recentes como o do etnólogo Benjamin Teitelbaum demonstram que membros associados ao Movimento Identitário muitas vezes também atuam ou são considerados parte do que é chamado de Tradicionalismo (Teitelbaum 2020).

A verdade é que, enquanto movimento, os Identitários se constituem como um fenômeno relativamente recente. A fundação do *Genération Identitaire*, sem dúvida um marco nessa história, se deu em 2012, com jovens que se faziam herdeiros do grupo *Jeuneses Identitaires*, ativo desde 2002. Da França, onde o ativismo de extrema direita, islamofóbico e nacionalista chegou a fundar um partido político próprio, o movimento se espalhou rapidamente para o resto do continente. Hoje, o bloco identitário se encontra enraizado e com lideranças locais em países como Áustria e Suécia, organizando ações públicas e procurando influenciar o debate político europeu.

Os poucos estudos acadêmicos que se voltaram ao tema procuraram dar conta, em linhas gerais, das estratégias de militância, das pautas radicais e de como grupos identificados com o

---

---

movimento conseguiram se criar e multiplicar através da mobilização em redes sociais.<sup>1</sup> *Identitarians* vai muito além ao propor, através de uma robusta pesquisa, o primeiro trabalho de fôlego dedicado a uma compreensão geral do movimento.

Talvez não seja exagero afirmar que a grande contribuição do livro esteja na abordagem detalhada da história intelectual dos identitários, citando os autores envolvidos dentro de uma constelação de ideias e correntes consideravelmente ampla. A principal fonte de inspiração está, naturalmente, no movimento intelectual francófono originado nos anos 1960 que projetava atacar o “paradigma hegemônico do capitalismo liberal ocidental através de um combate cultural” (Zúquete 2018, 7). A *Nouvelle Droite*, que tinha em Alain de Benoist seu principal nome, criticava a pretensão universalista da modernidade por entendê-la como a expressão secularizada da tradição monoteísta judaico-cristã. Assim, tanto a visão marxista quanto a liberal eram vistas como grandes propostas supranacionais. Diante do processo de integração regional ocidental, Benoist reagia contestando o que ele julgava ser um apagamento das diferenças. Afirmando sua visão de que cada nação, cada núcleo social e cultural, merecia defender sua singularidade, o filósofo afirmava defender apenas o direito da diferença diante de uma globalização do mesmo.

Benoist segue fiel a essas ideias e é fácil reconhecê-las hoje no interior dos argumentos articulados pela retórica identitária. Zúquete esclarece que os identitários se constituíram como um movimento próprio através de uma cisão interna na *Nouvelle Droite* em meados dos anos 1980. No coração dessa separação estava a crítica feita por Benoist à noção de identidade biológica e o surgimento de membros que viram nela o fundamento decisivo da identidade europeia.

Segundo o sociólogo português, não houve um momento específico de fundação do Movimento Identitário ou um pai fundador determinado, mas figuras que exerceram o papel de criadores. Guillaume Faye, jornalista e escritor francês, depois de anos contribuindo com Benoist, escreveu o que muitos consideram o texto fundamental do movimento. Com “*Pourquoi nous combattons. Manifeste de la Résistance européenne*” (Faye 2001), publicado em 2001, Faye acreditava ter produzido o livro de combate dos identitários. Nele está posta a síntese ideológica do grupo: a visão étnica da geopolítica inscrita num chamado pela defesa de uma identidade biológica e cultural europeia e a leitura de que esse combate é urgente.

A mesma urgência era compartilhada pelo medievalista Pierre Vial, aliado de Faye e criador da revista *Terre et Peuple*. A publicação, fundada em 1995, faz referência explícita à Revolução Conservadora alemã e à expressão infame *Blut und Boden*, apropriada pela ideologia nazista nos anos

---

<sup>1</sup> Ver *Das Netzwerk der Neuen Rechten: Wer sie lenkt, wer sie finanziert und wie sie die Gesellschaft verändern* (Fuchs e Middelhoff 2019) e *Going Dark: The Secret Social Lives of Extremists* (Ebner 2020).

---

1930. Desprezando a dicotomia entre direita e esquerda, Vial vê na sua militância o trabalho urgente de defesa da civilização europeia inserida num combate urgente pela própria sobrevivência.

Para o grande público, e mesmo para grande parte do mundo acadêmico, os identitários ainda são pouco conhecidos. Frequentam eventualmente páginas de jornais quando promovem alguma grande ação, mas ainda oscilam quanto à importância política em alguns países. É fácil associá-los a outros grupos de extrema direita ou mesmo a iniciativas xenófobas e fascistas conhecidas por suas filiações, voluntárias e involuntárias, à experiência do fascismo na Europa. Zúquete é cuidadoso ao tratar dessas aproximações, lembrando que há divergências internas dentro do movimento. Isso fica bastante claro na forma detalhada com que remonta esse momento de ruptura com a *Nouvelle Droite*.

Benoist deu vida aos argumentos hoje utilizados por autores como Faye e Vial, mas sempre defendeu o uso positivo da questão da identidade, temendo que fosse utilizada como uma desculpa para xenofobia. Daí sua aversão ao uso ostensivo da identidade biológica. Para Faye, no entanto, a *Nouvelle Droite* abandonou o combate identitário. Cada vez mais encolhida como um movimento intelectual discreto e restrita a publicações sem grande circulação, ela não apenas ignorou a urgência das circunstâncias como se permitiu relaxar na sua marginalidade. A leitura feita por Zúquete é precisa quando reconhece que a cisão entre os dois grupos se fez de forma gradual e condicionada pelo aparecimento de interpretações paralelas para uma série de questões emergentes, em especial o crescimento da imigração não europeia e seu impacto na identidade das comunidades.

Os anos 1980 são atravessados por uma combinação entre a crise do estado de bem estar social e um aumento no desemprego proporcionado pelo processo de desindustrialização. E é nesse momento que a extrema direita cresce, em grande parte, associando essas circunstâncias ao aumento da imigração proveniente de populações muçulmanas do Oriente Médio e do norte da África. Renaud Camus, escritor identificado com os identitários, popularizou a expressão *Grand Remplacement* (Grande Substituição) para descrever o suposto risco demográfico que corre a população nativa europeia.

O islã, visto como uma ideologia perversa com pretensões de expansão global, é apontado explicitamente como o grande inimigo. Um inimigo que as elites globalistas europeias se recusam a reconhecer. Zúquete lembra que a crença geral identitária é de que há uma autoflagelação patológica que impede que a Europa reconheça o confronto, dentro de suas próprias fronteiras, com um inimigo vigoroso e confiante. Porém, o ataque ao bode expiatório favorito também serve para que os identitários se promovam como defensores de uma causa mais ampla. “A imigração em massa e a islamização são apenas sintomas de um processo maior: a substituição de populações europeias por povos do Oriente Médio e africanos”, afirma o líder dos identitários na Áustria,

---

Alexander Markovics. “Em 50 ou 100 anos, não haverá mais povos europeus originais como nós conhecemos” (Zúquete 2018, 152).

Citações como essa estão em abundância no livro e demonstram o comprometimento do autor com sua proposta de levar a sério o argumento dos autores pesquisados, isto é, de entendê-los nos seus próprios termos. Apesar da pesquisa rigorosa e de um grande número de referências, a leitura é fácil, direta e sem maiores interrupções para debates historiográficos ou teóricos. Isso, por um lado, faz com que a publicação seja acessível a um leitor não especializado. Por outro, aceita o risco de parecer, aos leitores mais sensíveis, acrítico ou complacente para com os autores e militantes estudados.

Provavelmente se antecipando a esses riscos, Zúquete reitera diversas vezes ao longo do livro sua intenção de apenas capturar as dinâmicas de grupo e a forma como eles se definem para si mesmos. Trata-se de fato de um relato seco, sem anestesia, porém bem escrito, de um movimento cuja retórica é no mínimo controversa. Ao que parece, Zúquete simplesmente confia que o leitor tenha maturidade para separar autor e objeto. Seja como for, *Identitarians* se transformou rapidamente em um trabalho incontornável, o livro referência - ou definitivo, como afirmou Cas Mudde (2019, 340) - para os próximos que se vierem a se debruçar sobre o tema.

## Referências bibliográficas

- Ebner, Julia. *Going Dark: The Secret Social Lives of Extremists*. Bloomsbury: New York, 2020.
- Faye, Guillaume. *Pourquoi nous combattons. Manifeste de la Résistance européenne*. Paris: L'Encre, 2001.
- Fuchs, Christian, e Paul Middelhoff. *Das Netzwerk der Neuen Rechten: Wer sie lenkt, wer sie finanziert und wie sie die Gesellschaft verändern*. Leipzig: Rowohlt Taschenbuch, 2019.
- Mudde, Cas. *The Far Right Today*. Cambridge: Polity Press, 2019.
- Teitelbaum, Benjamin R. *War for Eternity: Inside Bannon's Far-Right Circle of Global Power Brokers*. New York: Dey Street Books, 2020.
- Zúquete, José Pedro. *The Identitarians: The Movement Against Globalism and Islam in Europe*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018. <https://doi.org/10.2307/j.ctvpj775n>
- Zúquete, José Pedro, e Charles Lindholm. *Struggle for the World: Liberation Movements for the 21st Century*. Stanford: Stanford University Press, 2010.

\*\*\*

Recebida: 01 de agosto de 2020

Aprovada: 02 de setembro de 2020